

245

**COMO ADOLESCENTES INFRATORES PERCEBEM A SI MESMOS: UM ESTUDO SOBRE AUTO-ESTIMA.** *Camila F. Becker, Ana Paula L. de Souza, Lilian de A. Zaupa, Débora F. M. da Silva e Cláudio S. Hutz* (Deptº de Psicologia do Desenvolvimento - Instituto de Psicologia – UFRGS)

O presente trabalho se insere num projeto que visa investigar variáveis psicológicas individuais relacionadas ao desenvolvimento de comportamentos delinqüentes em adolescentes autores de atos infracionais. Dentre estas variáveis está a auto-estima. Blascovich e Tomaka (1991) definem auto-estima como o componente avaliativo de uma ampla representação do *self*, o autoconceito. A auto-estima seria o componente afetivo do autoconceito, sendo este um conceito mais amplo, que inclui, também, componentes cognitivos e comportamentais. Uma série de estudos relaciona a auto-estima com a delinqüência em adolescentes, mas apresentando divergências sobre esta relação. Alguns consideram que uma baixa auto-estima levaria o jovem a comportamentos delinqüentes, percebidos como uma forma de elevar a auto-estima (Gomide, 1998; Masten & Garnezy, 1985). Outros estudos apontam para o inverso: adolescentes com alta auto-estima tenderiam a apresentar comportamentos delinqüentes (Loeber & Hay, 1997) Procurando conhecer como esta variável se apresenta na realidade sul-brasileira, foi investigada a auto-estima em 197 adolescentes, do sexo masculino, autores de atos infracionais e que cumprem medidas sócio-educativas. Foi utilizada a Escala de Auto-Estima de Rosenberg (Rosenberg, 1965) adaptada para o Brasil por Hutz (2000). Esta escala, do tipo *Likert*, composta por 11 itens, é a medida mais utilizada e conhecida de auto-estima, fornecendo uma medida unidimensional e possuindo boas qualidades psicométricas. Como resultado foi obtida uma média de pontos na escala de 32, 2 (*d.p.*= 4,3). Na análise de consistência interna foi encontrado um *Alpha*=0,62. Considerando o ponto de corte de dois desvios abaixo da média (23,6) para definição de baixa auto-estima, apenas 4 indivíduos (2,1%) apresentaram o que se poderia definir baixa auto-estima. Portanto, na amostra estudada, a baixa auto-estima parece não ser um dos problemas destes jovens. Este resultado deve ser considerado quando intervenções terapêuticas que visem abordar questões internas são planejadas para tais adolescentes (CNPq).